



40
ANOS

CURSO LATINO AMERICANO DE PASTORAL
E RELAÇÕES DE GÊNERO

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: LUTAS POR IGUALDADE, JUSTIÇA E PAZ

Data: 07 a 30 de março de 2022

MANIFESTO

CONTRA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

A violência é uma realidade estrutural que acompanha a história da humanidade e, dentro disso, a violência de gênero adquire nuances desproporcionais todos os dias.

A América Latina e o Caribe têm altos níveis de desigualdade social, discriminação e exclusão que se traduz diretamente em violência contra meninas, meninos, mulheres, homens, a comunidade LGBTQBIQ+ um sinal de um panorama que exige a continuação da luta pela justiça e respeito pelos direitos humanos.

Junte-se a isso as consequências dessa desigualdade social, com favelização e desemprego, onde as pessoas a negras são as mais afetadas, em especial, as mulheres, impedidas de acesso ao trabalho e renda dignos, às políticas públicas de saúde e educação e faz com que tenham os piores índices de qualidade de vida, situação que foi agravada pela pandemia. Levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança mostra que, em 2020, 61,8% das vítimas de feminicídio eram negras. Durante a pandemia a diminuição de renda familiar de mulheres negras diminuiu 15% em relação às brancas e 41,5% perdeu emprego.

Entendemos a violência de gênero como "*um padrão específico de violência, que visa preservar a organização social de gênero, a partir da hierarquia e desigualdade de lugares sociais sexuados, que subordinam o gênero feminino e ampliam na proporção direta em que o poder masculino está ameaçado*". (Saffioti e Almeida, 1995)

Como países latino-americanos, Brasil, Equador, México e Cuba apresentam em comum a perpetuação dos padrões tradicionais de gênero, a naturalização das desigualdades, a rejeição e exclusão de populações empobrecidas e vulnerabilizadas.

É por isso que:

REPUDIAMOS!

- Colonialismos e neocolonialismos que perpetuam a desigualdade social e, principalmente, a violência de gênero;
- Impunidade em face de feminicídios;
- Exclusão desumana por motivos de raça, gênero, classe social e qualquer outro;
- O acúmulo de oportunidades e benefícios nas minorias ricas em detrimento das grandes majorias;
- A perpetuação de papéis tradicionais de gênero que desrespeitam e violam a plena realização do ser humano;
- Machismo e patriarcado, reforçados pela violência do Estado;
- Desigualdade de oportunidades para as mulheres;
- Solidão como resultado de práticas violentas (falta de afeto, prisão e extermínio de crianças e pares);
- Exploração sexual de crianças e adolescentes;
- Tráfico de mulheres;
- Violência praticada por chefes de Estado (Brasil), inclusive a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, que fortificam estigmas e preconceitos naturalizando abusos contra mulheres e crianças.

APOIAMOS!

- A abordagem ecumênica e o diálogo nas relações entre cristãos e não-cristãos do México, Equador, Brasil e Cuba, para promover a compreensão da diversidade como forma de manifestação da vida em equidade e direitos iguais;
- O reconhecimento da dignidade de todas as mulheres do mundo e especialmente das da América Latina, da riqueza da diversidade de suas culturas e costumes;
- As lutas dos movimentos que em Cuba, México, Brasil e Equador buscam justiça social e os diversos caminhos para a construção de um mundo de paz, amor e respeito, incluindo o direito à participação política das mulheres na condução dos destinos dos povos, como é o caso de Francia Márquez, na Colômbia;
- A disseminação e o ensino da “metodologia da pergunta” em Tepic, México e Santiago de Cuba como ferramenta de reflexão coletiva para desmistificar o papel atribuído às Mulheres de nossas comunidades por textos religiosos e estruturas eclesiais como meio de submissão;
- A divulgação de produções e contribuições de personalidades históricas negras (no Brasil, Carolina Maria de Jesus, Sueli Carneiro, Professora Zélia Amador, Lélia Gonzales, Claudete Soares);
- As lutas de movimentos que buscam justiça social e os diversos caminhos da construção de um mundo de paz, amor e respeito, incluindo o direito à participação política das mulheres na condução dos destinos dos povos, como é o caso de Francia Márquez, na Colômbia.

NOSSO COMPROMISSO!

- Denunciar por meios possíveis qualquer ato de violência contra qualquer ser humano e especificamente aqueles que se baseiam em gênero e lutar contra eles nos contextos familiar, de trabalho, comunidade e sociedade no Equador, México, Brasil e Cuba;
- Promover iniciativas locais de políticas públicas transversais que surjam da participação cidadã e derivam em territórios sustentáveis em comunidades do México, Brasil, Cuba e Equador;
- Promover a reflexão pessoal e a conscientização coletiva do quanto é prejudicial e injusta a violência de gênero e especificamente contra as mulheres nas comunidades de Tepic, México e Havana (Cuba);
- Compartilhar o conhecimento do curso em formação com grupos de mulheres, de agentes pastorais da igreja e de líderes comunitários de Santiago de Cuba (Cuba);
- Apoiar igualdade de oportunidades para as mulheres nas comunidades de Havana, Cuba, bem como o respeito e a demanda por seus direitos no país;
- Multiplicar conhecimentos, informações e práticas antissexistas e antirracistas;
- Incentivar ações de preparação e acesso de mulheres negras ao ensino superior;
- Promover práticas para quebrar paradigmas fundamentalistas estabelecidos por dogmas e religiões que inferiorizam as mulheres.

Participantes do Curso Latino-americano de Pastoral e Relações de Gênero (CESEEP).

Março de 2022.